

Resgatar o vivido: a especificidade do referencial gestáltico para a Psico-Oncologia

Eleonôra Torres Prestrelo

“ Como já se *disse ad nauseam*, “a vida não é determinada pela consciência, é a consciência que é determinada pela vida”. Muito se repetiu, pouco se entendeu. E a prova disso é *a imensa distância que existe entre o falado e o vivido.*”

Rubem Alves

Esse trabalho consiste no levantamento de algumas questões relacionadas à forma de integração da Psicologia, no caso específico, à abordagem do paciente oncológico, bem como a elaboração de uma perspectiva própria no entendimento da Psico-Oncologia.

Vejo a Psico-Oncologia como um campo de estudo promissor, pela importância no desenvolvimento de um trabalho suportivo a clientes, familiares e profissionais envolvidos com essa doença; pela busca de integrar as diversas áreas de observação e intervenção relativas ao paciente oncológico, bem como, e principalmente, o debruçar-se à especificidade de um contexto, a fase de adoecimento por câncer.

Lido com um incômodo constante, no entanto, quando vejo a Psico-Oncologia ser tratada como uma *especialização*, “ diferenciação, resultante da divisão do trabalho; processo de divisão do trabalho encarado do ângulo individual”. (AURÉLIO, 1986)

A utilização dessa palavra traz, em seu bojo, a reprodução de uma forma de ver o objeto de estudo como passível de ser dividido em partes, para melhor ser conhecido. Uma abordagem que valoriza a compartimentação no estudo do Homem, como proposta de ampliação de seu

conhecimento – abordagem típica do campo das ciências médicas, bem como da Psicologia, em seus primórdios – na busca de um saber reconhecido como “científico”. Abordagem que se reproduz ainda, com relativa pregnância, nos dias atuais.

Por alicerçar minha visão de mundo e minha prática terapêutica numa abordagem gestáltica – buscando a estrutura de um todo significativo – e para não distanciar minha fala do vivido, como aponta Rubem Alves, prefiro tratar a Psico-Oncologia como uma *especificidade* – aqui utilizada como “qualidade típica de uma espécie; propriedade duma doença cujos caracteres são nítidos e constantes e cuja causa é sempre semelhante”. (AURÉLIO, 1986)

A Psico-Oncologia lidaria com a especificidade de uma situação, com a especificidade de um processo de adoecimento – no caso presente, o câncer - , buscando acompanhar, significar e, quando possível, intervir, na estruturação desse processo, com o intuito de buscar, sempre, uma melhoria na qualidade de vida de todos aqueles nele envolvidos. Como poderíamos pensar também, a especificidade de outros processos de adoecimento, tais como a AIDS, os distúrbios cardíacos, etc.

Não se trata apenas de uma questão semântica, trata-se de formas significativamente diferentes de abordar um mesmo objeto.

É interessante notar que, abordar um dado processo de adoecimento – o câncer – como objeto de uma especialização do saber nos remete a um modelo de investigação, de desenvolvimento do pensamento, que se assemelha ao modelo utilizado no início do século XX.

Farei, então, uma pequena retrospectiva da história da Psicologia da Gestalt, a fim de poder embasar a visão de mundo inerente a esta argumentação, bem como ampliar a reflexão sobre a natureza da diferença de abordagens por mim apontada.

A Psicologia da Gestalt surgiu, enquanto movimento, oficialmente, no início do século XX, na Universidade de Berlim, Alemanha, com Max Wertheimer. Inicialmente mais direcionado ao estudo do processo perceptivo, se ampliou para o estudo da memória, do pensamento, motivação e

do comportamento, inclusive dos grupos. Seus principais formuladores teóricos foram Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka.

O termo “*Gestaltismo*” vem de uma palavra alemã, “*gestalt*”, que significa organização, forma, estrutura. (GARCIA-ROZA, s/d:3)

Além de sua importância enquanto um “*Sistema Teórico Psicológico*”, que traria sua contribuição para o estudo do comportamento humano, como alguns outros sistemas psicológicos – a Psicanálise e o Behaviorismo – o fizeram, a Psicologia da Gestalt ou Gestaltismo, se constituiu num movimento de ruptura de uma forma de pensar e estruturar o conhecimento até então, hegemônico – o elementarismo associacionista.

Considero de fundamental importância registrar aqui o fato de estar me referindo ao Gestaltismo, enquanto *sistema teórico* e não à Gestalt-Terapia, *abordagem psicoterápica* que tem dentre seus principais alicerces teóricos, a Psicologia da Gestalt – dado a frequência com que são confundidos esses campos de estudo.

Podemos, então, identificar o Gestaltismo como representante de um corte epistemológico na história da evolução da Psicologia como ciência. Esse corte consistiu numa ruptura do aparelho conceitual referente ao objeto estudado – a consciência – reorganizado segundo uma nova perspectiva teórica. (GARCIA-ROZA, 1974)

A ruptura se caracterizou pela crítica ao elementarismo–associacionista, sistema teórico predominante até então, que acreditava ser tarefa principal da psicologia a análise dos fatos da consciência a fim de encontrar seus elementos constituintes.

Dentro dessa perspectiva estava a crença na independência desses elementos, daí, poderem ser estudados separadamente. Separação esta que incluía a falta de relação entre sujeito e objeto, numa busca de objetividade “científica” para a psicologia.

Uma postura que implicava em expulsar o sujeito de seu campo de estudo, atendo-se à observação do comportamento através da manipulação de estímulos, impossibilitando a compreensão do ser humano como um ser autônomo, que sofre interferência e interfere no meio em que vive.

O Gestaltismo, enquanto sistema teórico, vem se contrapor a esse movimento com uma perspectiva holística, como hoje poderíamos identificá-la, onde coloca o pressuposto fundamental de que o todo é determinado por seus elementos individuais, os quais, por sua vez, são determinados por esse todo. Como coloca Wertheimer,

“ A “fórmula” fundamental da Teoria da Gestalt poderia ser expressa da seguinte maneira: existem totalidades, cujo comportamento não é determinado pelos seus elementos individuais, mas nos quais os processos parciais são eles mesmos determinados pela natureza intrínseca ao todo.” (in SCHULTZ, D. E SCHULTZ, S., 1981:306)

Esses elementos estariam em interdependência e em constante mudança. Nesse processo constante de inter-relação estaria incluída a interdependência sujeito-objeto, indivíduo-meio, o que vem a constituir uma concepção holística do homem dentro da psicologia.

Podemos identificar, a partir daí, a mudança de alguns *paradigmas* – enquanto modelo, padrão (Aurélio, 1986) - no estudo do comportamento humano:

— Antes (um paradigma positivista)

- a análise dos elementos constituintes do comportamento;
- separação sujeito-objeto no campo de estudo;
- busca da análise dos fatos;
- busca da cientificidade através do método experimental;
- visão determinista do Homem: princípio da previsibilidade.

— Depois (um paradigma gestáltico)

- visão do todo;
- interdependência sujeito-objeto;
- busca da compreensão dos fenômenos;
- caracterização da cientificidade através de outros métodos de estudo (o método fenomenológico, por exemplo);
- visão holística do Homem: princípio da probabilidade.

Segundo Garcia-Roza,

“Alguns adeptos de uma posição “descontinuista” na história do pensamento científico, como Bachelard e Foucault, acreditam que o desenvolvimento da ciência se dá pela descontinuidade, por *rupturas* ou *cortes* (sic.) que indicam as transformações teóricas existentes que as desvinculam de seu passado ideológico e, ao mesmo tempo, o revelam como tal”.(1974)

A importância dessa ruptura na construção do conhecimento, dentro do campo da psicologia, se reflete até hoje na abordagem de questões tais como, a construção do sujeito, sua autonomia, etc., e acredito, se perpetuará através dos tempos, dado serem questões essenciais ao conhecimento do Humano.

Em outros campos do conhecimento também, vide Kuhn (2003); Maturana e Varela (1995), etc., mas que não se constitui em objeto do presente trabalho.

Este se limita tão somente a registrar que as sementes de um pensamento holístico já estavam presentes dentro da Psicologia da Gestalt e influenciaram, a partir desta, inúmeras abordagens do comportamento humano.

Como bem o coloca a artista plástica Fayga Ostrower, no livro denominado “*A sensibilidade do intelecto*”, o paradigma do “Gestaltismo” extrapolou o âmbito da Psicologia:” Altamente dinâmica, a teoria da Gestalt projetou-se entre as grandes idéias revolucionárias que marcaram o século XX”. (1998:69) Interferência esta, que podemos identificar em outras áreas de conhecimento, tais como no campo das artes, da comunicação, das abordagens psicoterápicas, etc. Fugindo essa amplitude, inclusive, segundo a autora, e com a qual concordo inteiramente, à perspectiva de seus autores.

Como bem colocam os Ginger, gestalt-terapeutas franceses, referindo-se à Gestalt-terapia, “Essa síntese necessária (...) entre corpo, coração e cabeça, entre o homem e seu meio social e cósmico, essa síntese de nosso tempo, necessária e atual, promovida especialmente pela corrente humanista da psicologia, parece-me particularmente bem ilustrada pela Gestalt”. (1995:105)

Fundamentada por essa visão que alicerça meu ser-no-mundo, e que, conseqüentemente, estrutura meu pensar e fazer terapêuticos, encarar a Psico-Oncologia como uma *especialização* é, a meu ver, um retrocesso no processo de construção do conhecimento.

Pois, em concordância com os Ginger, acredito que a abordagem gestáltica,

“Em minha perspectiva (...) é uma visão nova do homem e do mundo em interação permanente, uma concepção *sistêmica* – revolucionária em relação ao *paradigma* cartesiano-newtoniano, cuja perspectiva mecanicista dominou a ciência por mais de três séculos” (op. cit.,105)

Embora entenda a busca de legitimação dessa área de conhecimento pela sociedade, especificamente no meio médico e a ampliação do mercado de trabalho para psicólogos – possíveis intervenientes na forma como a Psico-Oncologia vem se desenvolvendo – não acredito ser a

utilização de referenciais da cultura médica, tais como a busca de objetividade, de controle, etc., o melhor caminho.

A especificidade do processo de adoecimento se configura como uma problemática muito mais complexa do que pode imaginar a vã filosofia positivista. E sobre essa complexidade Castiel, em seu livro “ *O Buraco e o Avestruz: a singularidade do adoecer humano*” tem nos brindado com uma extensa crítica à pretensão de paradigmas “cientificistas” (sic.) de dar conta da complexidade do humano, como tão bem ilustra com a utilização da citação de Bernoit

“a verdadeira solução consiste em reconhecer que a articulação entre a vida secreta das pessoas e sua patologia é um dado da subjetividade. (...) [que] não pode ser tratado com o aparelho conceitual que permite tratar uma realidade objetiva.”(1994: 80)

Até mesmo porque, um pequeno olhar para a história da Psicologia nos mostra, esse, como um caminho já trilhado e que, embora nos tenha brindado com algum reconhecimento, nos relega, até os dias de hoje, a um lugar de subordinação à sua área de saber.

Quero deixar bem claro que não estou desconsiderando, em momento algum, a importância da Psico-Oncologia como campo de saber, apenas acredito, assim como Rubem Alves que “ (...) é necessário que, com frequência, façamos um inventário da bagagem conceitual que carregamos. Coisa semelhante ao que as nossas mães faziam, uma vez por ano, nos quartos em que depositavam as coisas velhas...” (2000:58)

Não precisamos, a meu ver, buscar nos associar a uma cultura médica, a um modelo positivista para legitimar nosso saber. Seguindo, por exemplo, o modelo gestalista na abordagem do homem, inclusive no acompanhamento da especificidade de seu processo de adoecimento de câncer, poderemos nos aproximar de sua complexidade.

O aparelho conceitual gestáltico, com sua perspectiva holística do processo de desenvolvimento humano, alicerçado numa teoria de auto-regulação orgânica, onde o viver implica em reconfigurações constantes, decorrentes do ser-no-mundo, pode alicerçar um trabalho terapêutico na especificidade contextual que se fizer necessária.

Resumo

Esse trabalho levanta questões relativas à inserção da Psicologia na abordagem de pacientes com câncer – especialidade denominada de Psico-Oncologia. Questiona a utilização da palavra “*especialização*” e seu significado, fundamentada numa visão holista trazida, há muito, pela Psicologia da Gestalt. O texto espera estimular a reflexão quanto ao encaminhamento ideológico desse novo campo de saber, incentivando a busca de alicerce teórico e prático numa perspectiva gestáltica.

Palavras-chave: psico-oncologia; especialização; psicologia da gestalt.

Abstract

This work raises issues concerning the insertion of Psychology in dealing with cancer patients – a specialization named Psycho-Oncology. It questions the use of the word “*specialization*” and its meaning, based on an holistic vision brought, long before, by the Gestalt Psychology. The text aims at provoking a reflection about the ideological construction of this new field of knowledge, stimulating the search for theoretical and practical support in a gestaltic perspective.

Key-words: psycho-oncology; specialization; gestalt psychology.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar (+ qualidade total na educação)*, Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.
- CASTIEL, Luis David. *O Buraco e o Avestruz: a singularidade do adoecer humano*, Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Gestaltismo*. Apostila UFRJ, Rio de Janeiro, s/d.
- _____ *Psicologia Estrutural em Kurt Lewin*, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- GINGER, Serge e GINGER, Anne. *Gestalt: uma terapia do contato*. Trad. Sonia de Souza Rangel. São Paulo: Summus, 1995.
- OSTROWER, Fayga. *A Sensibilidade do Intelecto*, Rio de Janeiro: Campus, 1998.